

"PENSANDO FORA DA CAIXA": A PERMACULTURA COMO PRÁTICA DE ENSINO NO MUNICÍPIO DE SALGADINHO -PB.

¹Keudma Richelle Tiburtino Costa; ²Rafael dos Santos Firmino; ³Josenildo Oliveira Sobrinho

¹Universidade Federal da Paraíba, krtc1981@gmail.com; ²Universidade Federal da Paraíba, rafinha.br@hotmail.com; ³Universidade Federal de Campina Grande, jooliveira_s@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A permacultura foi criada como uma técnica de agricultura permanente no final de 1970. Os cientistas australianos Bill Mollison e David Holmgren deram origem ao termo em 1974 que diz respeito ao entendimento de sustentabilidade, em capacidade de manter, por um longo período de tempo, a base de recursos necessários para a sobrevivência das futuras gerações. Na década de 1980, a permacultura chegou ao Brasil em citações de livros principalmente voltados para agricultura sustentável, na época chamada de agricultura alternativa e se solidificou efetivamente no início dos anos 1990 com a visita de Mollison, que realizou cursos no Amazonas e no Rio Grande do Sul, onde surgiram os primeiros institutos de permacultura brasileiros. Trata-se de uma proposta metodológica para um modo de vida sustentável. Os Institutos de Permacultura podem ser entendidos como espaços não formais de ensino. Embora não tenham essa destinação, desencadeiam ações educativas relacionadas ao ensino e à aprendizagem de temas relacionados à educação ambiental. Assim, ao promoverem atividades direcionadas, com objetivos definidos e que envolvem conteúdos da escolarização formal, eles estão realizando uma educação não-formal (GOHN, 1999). Vercelli (2011, p.3) aponta que :

"[...] espaços educativos se diferenciam do espaço escolar por apresentarem, alguns de forma lúdica e interativa, produtos da experiência social e cultural de um determinado local. Além disso, dependendo do espaço, favorece ao aluno o contato direto com materiais, peças, relíquias, pinturas, esculturas etc, que na sala de aula poderiam não ser visualizados ou apenas visualizados por meio virtual."

Desta forma, se busca o contínuo rejuvenescimento do sistema, através da integração entre os diversos elementos que o compõem, com a manutenção de ciclos

regenerativos e o máximo aproveitamento de materiais, água e energias locais. A prática da Educação Ambiental e a permacultura na escola buscam formas de proporcionar aos alunos a construção de hábitos saudáveis e sustentáveis, tornando-se conscientes da necessidade de transformação social, refletindo sobre seu papel no ambiente, promovendo o pleno desenvolvimento individual e coletivo.

METODOLOGIA

A presente pesquisa, de caráter qualitativo, foi composta de uma vasta revisão bibliográfica com base nos autores como Gohn (1999), Silva (2010), Tristão (2005) entre outros, além de pesquisas online. Posteriormente, em entrevistas e relatos de experiências “in loco”, com a realização de palestras, oficinas, limpeza de espaços públicos urbanos, coordenadas pela equipe de Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, Secretaria de Assistência Social, nas pessoas de Josenildo Oliveira e Juliana Alves, no município de Salgadinho, localizado na Região Geográfica Imediata de Patos , a 252 Km da capital João Pessoa, conhecido internacionalmente como sendo um dos poucos locais no mundo a se encontrar a raríssima e valiosa Turmalina Paraibana.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Para vencer o distanciamento existente entre um discurso transformador e a efetivação de processos contínuos, participativos e práticos, Tristão (2005) aposta na criação de novas alternativas; e Silva (2010) sugere a busca de ideias fora do conhecimento hegemônico e das práticas instituídas, propondo uma aproximação entre conhecimentos escolares, científicos e tradicionais, junto a um engajamento efetivo para a solução de problemas. Pensando dessa maneira, e em busca de uma mudança cultural e comportamental dos agentes envolvidos, o Mobilizador do Núcleo de Cidadania e Juventude, Josenildo Oliveira Sobrinho, juntamente com Juliana Alves, Articuladora do Selo Unicef Municipal, iniciaram em maio deste ano, um Projeto de Permacultura como “prática de ensino”. As ações envolvem 13 jovens entre 12 e 17 anos, alunos do Núcleo e começou com a mobilização e limpeza de um espaço público em desuso, cedido pela Prefeitura. Depois foi realizada uma palestra

sobre sustentabilidade e oficinas de compostagem e stencil. Nessas oficinas, os alunos reciclaram baldes que foram levados para casa e usados na separação do lixo orgânico do lixo seco. No espaço limpo anteriormente foi feito um canteiro onde pés de coentros e acerolas foram plantados, e o lixo orgânico produzido pelos alunos são trazidos pelo baldes reciclados a composteira e é usado como adubo produzido nas hortas. “Agora estamos com dois canteiros e aos poucos estamos revitalizando o espaço que limpamos, que estava abandonado antes, espaço público”, comentou Josenildo Oliveira. O Projeto tem carta branca dos órgãos municipais, “temos o total apoio do poder público e também da sociedade em geral”, afirmou Juliana Alves. É uma gestão participativa, com a mobilização das diversas secretarias.

CONCLUSÕES

Esta ligação entre identidade do lugar e identidade individual é determinante para um senso de pertencimento, onde até pequenos elementos transmitem mensagens e provocam influências no comportamento dos estudantes. As atividades foram-são baseadas em princípios permaculturais como: observação, interação, obtenção de rendimento, uso e valorização de serviços e recursos renováveis, reaproveitamento de materiais recicláveis incentivando a criatividade dos alunos por meio da arte e valorização da diversidade.

REFERÊNCIAS

GOHN, M. G. Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 1999.

ORR, D. W. Lugar e pedagogia. In: STONE, M. K.; BARLOW, Z. (Orgs.). Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 114-124.

SILVA, A. T. R. Pedagogia ambiental. Revista eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande RS, v. 25, p. 253-265, jul./dez. 2010.

TRISTÃO, M. Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 251-264,

maio/ago. 2005

VERCELLI, L. C. A. Estação Ciência: espaço educativo institucional não formal de aprendizagem. Anais do IV encontro de pesquisa discente do programa de pós-graduação da UNINOVE. 15 a 17 de set. 2011. Disponível em: < <http://www.uninove.br/PDFs/Mestrados/Educa%C3%A7%C3%A3o/Encontro/24.pdf>>. Acesso em: 01 agosto. 2018.